



Pierre Rey com Jacques Lacan

Decidi trazer um pouco de Pierre Rey a este Samparioca II. Encontro aqui e ali menções a ele em textos de Jorge Forbes: em 2004, uma entrevista *Pierre Rey, 20 anos depois. Agora, Encontro e Silêncio*. Ontem, em sua defesa de tese, Jorge Forbes evoca o amigo, quando falavam que o problema da psicanálise vem dos psicanalistas. Retomo *Uma temporada com Lacan*¹, de Pierre Rey, o relato de sua análise. Da entrevista, realizada por Jorge Forbes, extraio aqui um ponto. Solicitado a dizer do lugar da psicanálise no mundo, Pierre Rey diz que é o lugar da demanda feita pelo mal-estar daquele que sofre; só se pode esperar a demanda. “Para o analista, basta esperar.” Não numa espera passiva, mas naquela que causa o desejo. Esse ponto remete à questão freqüente nas análises: a inversão da demanda - questão que temos discutido na Clínica de Psicanálise do Centro do Genoma Humano. Nesse livro *Uma temporada com Lacan* o autor deixa claro que o analista não cedia frente à tentativa dessa inversão por parte do analisando. Considero que apontar a demanda seja o índice de alguém que tem a experiência do que seja essencial em uma psicanálise. Chegar ao osso e manter essa demanda até o fim. Há muita rolha para ser colocada aí. Pierre Rey usava reiteradamente a do dinheiro. E Lacan faz com ele como que um terrorismo com o pagamento das sessões. Quando dizia “Hoje não tenho dinheiro para pagar”, a exaltação de Lacan era para Pierre Rey um eletrochoque. Ficava em pânico. Cabe ao analista manter viva essa demanda para que o analisante não ceda em seu desejo. Miller diz que o que uma análise demanda é amar o inconsciente. Pode-se acrescentar: e que não exclua o real. A passagem de analisante para analista mantém essa demanda como essencial. Cito Pierre Rey: “Ao invés de submeter meus desejos a meus meios, decidi pagar o preço: criar os meios para meus desejos.” ... Descobrimos que o que desejávamos era precisamente o que temos.

Até os 30 anos, Pierre Rey era um *play-boy*, diletante talentoso, convidado para as festas da alta sociedade, sua presença chamava atenção. Ele escrevia crônicas para um jornal, daí ganhando seu sustento; fazia despesas além de seus recursos, contraindo dívidas; muitas festas; jogava 12 horas por dia; era fóbico; seus valores eram uma confusão; era um estudante crônico, assim garantindo seu lugar na residência para estudantes; e estava sempre perdendo o emprego. “Vivia perdido no próprio esgotamento de meu gozo – trapaceando comigo mesmo quanto à natureza de meu

¹ REY, Pierre. *Uma temporada com Lacan*, Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

desejo.” (p. 123) Diz: “Eu não aguentava a fratura entre o que eu era e o que parecia ser.”(p. 92)

Ele tinha um amigo médico, o Gordo, que freqüentava os seminários de Lacan. Falava tanto nele e queria muito que Pierre Rey também fosse aos seminários. Ele resistiu, mas comprou os *Escritos*. Inicia a análise com Lacan. Deve ao Gordo esse encontro. Na primeira entrevista fala de nomes importantes de seu relacionamento e de seu trabalho no jornal. A sessão foi muito longa, “Lacan estava encantado.” Pierre Rey mal sabia o que o esperava. Pierre Rey sem dinheiro para pagar a análise, tinha dívidas antigas de jogo, mas o elemento obsessivo era Lacan. “Eu era movido pelo desejo de lhe pagar.” Saíram na França dois *best-sellers*. “Decidi no ato escrever o terceiro. Por que não eu?” Penso que seja este o ponto de virada. Ele fala com o editor Robert Laffont. Estava em análise porque não tinha coragem de nomear seu desejo. Escreveu o livro, 1200 páginas, em 13 meses. Sucesso. A partir daí passou a ter dinheiro e podia ir o quanto quisesse à Rue de Lille sem temer a fúria de Lacan. “Com a análise pude sentir a felicidade de ser vulnerável. Antes tinha um ar de ‘bello indifferente’ ”. (p. 124)

Pierre Rey não busca o controle da instituição, não está interessado em passe, mas passar ao mundo através da escrita o que foi sua análise. Logo após sua análise começa escrever - dois capítulos. Só nove anos depois, em 1989, ele termina e publica o livro, relato de sua análise. Percebe-se aí o que Miller diz quanto aos três passes - passe 1, quando se ultrapassou algo na análise; passe 2, comporta uma retroação sobre o 1; e passe 3, diante do público. Vejamos esta retroação no que diz Pierre Rey: “Agora, nove anos depois, quando escrevo estas linhas percebo a que ponto eu revivera os sintomas de angústia e regressão que conheci no desenrolar de minha análise. [...] Quando escrevo estas últimas páginas, uma bola obstrui-me a garganta. O que estava em jogo nessa bola era o ato de escrever. O temor inconsciente de chegar ao fim, de reviver como uma morte o término de minha análise, a morte de meu pai, do Gordo, a morte de Lacan. Assim que os verbalizei, os sintomas desapareceram.

Se antes ele escreve um *best seller* para ganhar dinheiro para pagar sua análise, no relato de sua *Temporada com Lacan* ele escreve porque a escrita se impõe.

Sem nenhuma preocupação com burocracias, Pierre Rey considera que fez uma análise. Cito-o novamente: “Ao cabo de uma travessia que durara dez anos, o passador levou o passante-passageiro são e salvo a uma margem outra.” Eu diria, invocando Guimarães Rosa², à terceira margem, “mais além...”.

Rio de Janeiro, 18 de setembro de 2010

Elza Macedo

² ROSA, Guimarães. Primeiras estórias.